

Economista condena o "atrelamento" brasileiro

Rio — O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Lessa, criticando em nome dos economistas da oposição, o recente discurso do ministro Delfim Netto, afirmou ontem que o Brasil precisa desatrelar sua política econômica da conjuntura internacional para baixar as taxas de juros, examinando com atenção a alternativa da adoção da taxa de câmbio dupla ou então centralizando todas as operações cambiais no Banco Central.

Segundo o economista e ex-presidente do IERJ — Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro, todas as entradas de capitais, quer pela resolução 63 ou operação 1.431, passivas ou ativas, seriam assumidas pelo Banco Central, bem como o risco cambial, que as repassaria em cruzeiros internamente. Dessa forma, não haveria necessidade de se obedecer às taxas de juros do mercado internacional.

Mostra Carlos Lessa que a relação exportações / Produto Interno Bruto não representa mais que 8 por cento, sendo artificial essa dependência do exterior da economia brasileira. Como o mundo está entrando numa profunda crise, da chamada terceira revolução industrial, não vê necessidade de importarmos todos os choques externos, defendendo uma expansão do mercado interno como forma de desenvolvimento.

Carlos Lessa é também diretor da Fundação Pedroso Horta e, juntamente com Maria da Conceição Tavares, Celso Furtado e Rômulo de Almeida, elaboram um programa econômico alternativo para o PMDB. Como outros economistas, como Luciano Coutinho, João Sabóia, João Manoel de Mello Cardoso e Eduardo Suplicy, Carlos Lessa está se candidatando a deputado federal, porque acha importante levar ao congresso o debate da crise brasileira.

Lessa entende que a própria crise está estreitando os canais de decisões da sociedade brasileira. A própria reunião das 9 do Palácio do Planalto es-

tá menor. O "sistema" se reúne em churrascos, como o recente do ex-ministro Falcão, mas os chamados "anéis burocráticos" em que os empresários, tecnocratas e militares podiam exercer pressões, estão se esfacelando, o ministro Delfim Netto apenas representa quem tem poder, mas na verdade não o tem mais". Acha Lessa que a crise terá que ser debatida no Congresso, com todos os setores da sociedade atuando para se encontrar soluções.

Destaca que a "linha dura" do ex-ministro Bulhões, de extinção total e imediata dos subsídios à agricultura, levaria o país a uma brutal recessão. Essa medida, a seu ver, provocaria a elevação dos preços agrícolas e a redução da base monetária, trazendo aperto de liquidez, com a inevitável cadeia de falências e "quebra-quebra" generalizado. Com o aperto da liquidez as taxas de juros internas "iriam aos céus", aprofundando a recessão.

Segundo Lessa, Delfim Netto conseguiu uma recessão, a pior que o Brasil já experimentou nos últimos 50 anos, sem nenhum benefício substancial para a economia, apenas pela contração da base monetária e estreitamento da liquidez. A expansão atual da base monetária é bem menor do que os índices de inflação, o que, na opinião de Lessa, significa que a inflação atual não pode ser explicada pela base monetária.

Acha Lessa que o Brasil, apesar da crise internacional, é um dos países que maior potencial de crescimento apresenta no mundo todo. E a sétima economia industrial, o grosso de sua população está urbanizada, possui reservas de recursos minerais e agrícolas, sua universidade, embora de pouca qualidade, forma anualmente dois milhões de brasileiros. Caso se consiga uma articulação de suas forças internas e se abandone essa "bobagem de modelo exportador", o país terá um vasto caminho a percorrer, segundo Carlos Lessa.